

A interdisciplinaridade nos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ: alguns problemas estruturais

Marcelo Jacques de Moraes*

Historicamente, os Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras refletem a estrutura departamental da Faculdade, originalmente voltada para o ensino de graduação, que forma bacharéis em Letras e licenciados, com habilitação para o ensino fundamental e o ensino médio. É o que se pode ver pela designação dos seis Programas, e de suas respectivas áreas de concentração:

Ciência da Literatura

- 1) Teoria Literária
- 2) Literatura Comparada
- 3) Poética

Letras Clássicas

- 1) Culturas da Antigüidade Clássica

Letras Neolatinas

- 1) Estudos Lingüísticos Neolatinos
(opções: língua espanhola, língua francesa e língua italiana)
- 2) Estudos Literários Neolatinos
(opções: literaturas hispânicas, literaturas de língua francesa e literatura italiana)

Letras Vernáculas

- 1) Língua Portuguesa
- 2) Literatura Brasileira
- 3) Literaturas Portuguesa e Africanas

Lingüística

Lingüística

Lingüística Aplicada

Interação e Discurso

* Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ (1999-2002, 2005-2007). Participou como consultor científico da avaliação anual da CAPES da Área de Letras e Lingüística (2002, 2003 e 2004). Atualmente é substituto eventual do presidente da Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa (CPGP) da Faculdade de Letras da UFRJ.

Grosso modo, mesmo com algumas pequenas mudanças ocorridas ao longo dos anos e algumas exceções que confirmam a regra, essa estrutura ainda reflete não tanto recortes de pesquisa baseados em perspectivas teórico-metodológicas desenvolvidas na área de Letras e Linguística, voltadas para a formação de pesquisadores e professores universitários, mas sobretudo uma compartimentalização calcada em certa tradição do ensino de línguas e literaturas nacionais, que não se justifica no nível da pesquisa de pós-graduação, uma vez que, nas ciências humanas de uma maneira geral, os pesquisadores trabalham com paradigmas disciplinares distintos e mais abrangentes.

Mas a despeito dessa tradição, internamente, os interesses acadêmicos dos docentes desses programas – que é, de fato o que constitui, ao longo do tempo, a identidade própria de um programa de pós-graduação – impuseram a formatação da pesquisa efetivamente realizada em torno de linhas de pesquisa que extrapolam justamente as fronteiras entre os Programas. O que se comprova, como se poderá ver a seguir por alguns exemplos, pelo grande número de cruzamentos e duplicações entre as linhas de pesquisa dos programas, que ao menos deveria nos fazer questionar certas repetições, que significam um certo desperdício de energia e de verbas de pesquisa. Por outro lado, o pequeno número de pesquisadores em cada uma das áreas de concentração dos Programas impõe a necessidade de congregar interesses às vezes diversos, o que torna algumas das linhas excessivamente amplas. Pode-se observar pela justaposição quase aleatória de algumas linhas de pesquisa dos Programas o quanto elas se tocam e até mesmo se sobrepõem, configurando freqüentemente, uma clara duplicação de métodos e objetivos; mas pode-se também notar que em certos casos, no afã de acomodar práticas de orientações diversas, elas parecem sacrificar um pouco o rigor epistemológico.

LINHAS DE PESQUISA ESTUDOS LITERÁRIOS

Exemplo 1

Estudos semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade: A área acolhe projetos que estudam e praticam saberes e procedimentos da análise semiológica, em particular a partir de autores da corrente pós-estruturalista francesa. Num enfoque transdisciplinar, estudo de diferentes sistemas de significação e de relações intersemióticas (literatura, cinema, teatro, música, pintura, publicidade...). (**Teoria Literária/ Ciência da Literatura**)

Diálogos interculturais e intersemióticos

Relações entre a literatura, a filosofia e outros campos das artes. Representações sociais no campo literário e produção social do campo da arte. Autonomia e heteronomia do campo estético. Teoria comparada dos gêneros. Literaturas nacionais e relações intertextuais. Reflexões metapoéticas. **(Estudos Literários Neolatinos/ Letras Neolatinas)**

Literatura brasileira: estudos interdisciplinares

Relações entre o discurso literário brasileiro e as demais formas de criação cultural e artística. Os estudos literários em suas relações com outros campos de investigação. **(Literatura Brasileira/ Letras Vernáculas)**

Literatura portuguesa e africanas: relação entre cultura e arte

O autor, o tempo, o espaço. O texto e sua recepção: diálogos sincrônicos e diacrônicos. Enfoques interdisciplinares da obra literária. Literatura e manifestações (multi)culturais. **(Literaturas Portuguesa e Africanas/ Letras Vernáculas)**

Aqui, por exemplo, o enfoque em todos os Programas é francamente a própria interdisciplinaridade; busca-se explorar, de maneira mais ou menos vaga, as relações entre literatura e outras artes, outros domínios do conhecimento, outras manifestações culturais. Não seria mais interessante, por exemplo, num Programa de Estudos Literários único (em vez dos 4 Programas que temos de fato), buscar, na definição das linhas, um maior rigor epistemológico na postulação dessas relações? Parece-me que a perspectiva demasiado genérica e abrangente se deve justamente à necessidade de congregar pesquisadores de interesses muito distintos, mas que pelas contingências – no caso específico da Faculdade de Letras, determinadas pelas relações necessárias e verticais entre Departamentos e Programas de Pós-Graduação – acabam se reunindo num mesmo Programa...

Exemplo 2

Imaginários Culturais e Literatura: Estudo comparativo de discursos interculturais e poéticas: gênero, etnia, identidade e diferença. A revisão crítica do comparatismo, seu sentido e função na contemporaneidade. Abordagem contrastiva de textos literários de diferentes épocas e contextos em diálogo, visando a acompanhar a produção literária universal, com a contribuição de recentes tendências teórico-críticas, especialmente as da desconstrução, as das teorias críticas feministas, e as da “Nova História”. **(Literatura Comparada/ Ciência da Literatura)**

Modos e tons do discurso grego: Estudos literários e lingüísticos de textos da antiguidade grega. Os dialetos e sua manifestação nos diversos gêneros literários. A interferência das possibilidades literárias e não literárias do discurso grego a partir de sua expressão textual. **(Culturas da Antigüidade Clássica/ Letras Clássicas)**

Literatura, História e Sociedade

Imaginário e processos histórico-sociais de representação na construção de identidades literárias. Discurso literário e valores na configuração da obra de arte. As grandes narrativas. Literatura e escrita crítica. **(Estudos Literários Neolatinos/ Letras Neolatinas)**

Estudos de narrativa portuguesa e africanas: relações entre memória, história e literatura
Obras e autores representativos. Limites entre registros memorialístico, histórico e ficcional. Passado histórico e ficcional, apreensão crítica e identidade nacional. Discurso narrativo e modernidades. **(Literaturas Portuguesa e Africanas/ Letras Vernáculas)**

Poéticas das diferentes Linguagens: Mundo, memória e história das realizações enquanto Linguagem. As manifestações artísticas em diferentes Poéticas como , as linhas parecem ambigüidade tensional de identidade e diferença na manifestação e construção da realidade e do homem. **(Poética/ Ciência da Literatura)**

Já aqui, predomina o problema da historicidade dos gêneros e modelos literários. Também aqui algumas linhas parecem refletir a preocupação com a abrangência temática em detrimento da precisão teórico-metodológica...

LINHAS DE PESQUISA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Língua e sociedade: variação e mudança

Descrição da realidade lingüística do português nos planos sincrônico e diacrônico. Debate teórico acerca da mudança lingüística e das interpretações sobre a formação histórico-social da língua. **(Língua Portuguesa/ Letras Vernáculas)**

Processos interculturais lingüísticos e identitários

As representações e o imaginário lingüístico-discursivo na construção de identidades. As relações entre indivíduo e comunidade nas práticas orais das línguas. O papel da norma, da variação e da mudança. O *status* das realizações orais. Escrita, prestígio e tradição escolar e acadêmica na difusão das línguas. Abordagem crítica das políticas lingüísticas. **(Estudos Lingüísticos Neolatinos/ Letras Neolatinas)**

Língua e sociedade

Análise de repertórios lingüísticos e discursivos de comunidades de fala. Diversidade cultural e lingüística. Variação e mudança. Bilingüismo, alternância de códigos e suas implicações. Padronização de línguas e planejamento lingüístico. **(Lingüística)**

Discurso e práticas sociais

Alinhando-se à chamada "virada discursivo-icônica" - conceito que alude à hipersemiotização da vida contemporânea -, esta linha de pesquisa estuda os diferentes processos de interação e de produção de significado (por meio da oralidade, escrita, imagem, música etc.) em contextos culturais atravessados, cada vez mais, por uma variedade de sistemas semióticos tais como sala de aula,

família, trabalho, mídia, clínica, conversas e situações sociais informais, e toda sorte de ambientes digitais e multimidiáticos. Volta-se, também, para o estudo dos processos discursivos de construção identitária e alteritária, freqüentemente considerando o entrelaçamento de subjetividades e tecnologias na constituição de "eus" e "outros" contemporâneos. **(Linguística Aplicada)**

Dessa vez, as várias linhas parecem tentar abarcar, na maior amplitude possível, o problema da mudança e da variação linguística, de um lado, e a questão da discursividade, de outro....

Creio que se pode ver, através desse exemplos, que com poucos ajustes (e muitas brigas e discussões intestinas, admitamos), essas tantas linhas de pesquisa de programas diferentes poderiam ser reduzidas a umas poucas de um mesmo programa...

No entanto, a despeito de tantas convergências e duplicações, a rigidez das fronteiras entre os Programas, permanentemente reforçada pela vinculação histórica entre estes e os Departamentos, dificulta bastante o intercâmbio entre docentes e estudantes, favorecendo um insipiente ensimesmamento dos pesquisadores, que se acomodam majestosamente em seus nichos, reproduzindo uma estrutura de pesquisa predominantemente verticalizada, organizada em função de gerações (o professor titular, com seu ex-orientando, com seu atual orientando...)... Ora, como disse José Luiz Fiorin, em recente artigo publicado na revista *Alea*, “a interdisciplinaridade pressupõe uma convergência, uma complementaridade, o que significa, de um lado, a transferência de conceitos metodológicos e de metodologia e, de outro, a combinação de áreas”¹. Mas neste regime relativamente estanque em que nos encontramos, preservado por regulamentos que favorecem o confinamento dos docentes e alunos nos limites de cada Programa, essas “transferências” e “combinações” se complicam. Desde a escolha de disciplinas e orientadores pelos alunos, a organização de eventos, a formação de bancas, tudo é dificultado pela pouca permeabilidade da estrutura, a despeito de seu potencial acadêmico... O que não favorece nem a visibilidade que faz circular o conhecimento nem a exposição que o põe à prova...

Disso tudo decorre a necessidade de forçar essas fronteiras entre os Programas, obrigando à redução dos cruzamentos e duplicações entre as linhas de pesquisa, para que as práticas possam realmente espelhar a mudança epistemológica que atinge as áreas de Letras e de Linguística como um todo.

¹ José Luiz Fiorin. “Linguagem e interdisciplinaridade”. *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, vol. 10 # 1, p.38.

Para mostrar o quanto ainda estamos distantes disso, basta verificar que dos 27 grupos de pesquisa formados a partir dos Programas da Faculdade de Letras, menos de 10 contêm docentes de mais de um programa.² Dos 20 ligados à área de estudos lingüísticos (superioridade numérica em relação à área de estudos literários que já diz alguma coisa quanto à distinção entre elas...), salvo engano, apenas um deles tem membros de dois programas da Faculdade de Letras!! Há, é verdade, pesquisadores da engenharia e da medicina... mas isso mostra como às vezes é difícil promover a interdisciplinaridade e a interlocução no interior de uma grande área – onde, devido aos objetos de interesse comuns, há uma rivalidade mais direta entre os pesquisadores.

Mas o que é curioso – se não fosse lamentável – é que essa dificuldade de fato na prática das interações entre pesquisadores – uma postulação de direito, afinal – acaba ironicamente levando à defesa da posição retrógrada de que então é exatamente o recorte departamental que corresponde à nossa realidade...

Sei que as mudanças dependem de aspectos políticos, que muitas vezes implicam alto grau de resistência, mas creio que, na Faculdade de Letras, a pesquisa e a produção de conhecimento na Pós-Graduação começam a se ressentir dessa resistência da estrutura. Nesse sentido, algumas sugestões práticas iniciais:

- 1) um código comum para as disciplinas de todos os Programas de Letras (e quem sabe do Centro de Letras e Artes), estimulando a interdisciplinaridade por meio da maior circulação de estudantes e docentes;
- 2) mais flexibilidade na formação de bancas, favorecendo a ampliação dos horizontes de discussão e, além disso, desestimulando a repetição quase obrigatória dos docentes dos grupos de pesquisa internos aos Programas, que hoje tende a ocorrer;
- 3) possibilidade de orientação em outros Programas por docentes colaboradores que tenham vínculo por participação em grupo de pesquisa interprogramas;
- 4) criação de políticas institucionais de favorecimento a laboratórios e bibliotecas interprogramas, contemplando grupos de pesquisa com esse perfil (o que já vem sendo feito em alguns editais das agências de fomento);

² Dados obtidos através da página <http://www.lettras.ufrj.br/pgletras/laboratorios.htm>, acessada em outubro de 2008.

- 5) criação de políticas institucionais de promoção e de publicação do conhecimento que levem ao confronto de idéias e de posições, através do financiamento de publicações e de eventos interprogramas (isso já vem sendo feito em alguns eventos da área, justamente para fazer face à proliferação de seminários de grupos de pesquisa formados no interior dos programas: produção sem visibilidade nem exposição...).

Trata-se, evidentemente, aqui do lançamento de um problema, que pode e deve ser discutido esmiuçado, aprofundado. Mas acredito firmemente que práticas como essas ajudariam a induzir, num futuro próximo, a reorganização de nossas linhas de pesquisa (que poderiam ser num primeiro momento comuns a alguns Programas, por que não?), e, quem sabe, um pouco mais adiante, a reestruturação de nossa Pós-Graduação, com dois Programas fortes (em vez dos seis que temos hoje, que têm tido dificuldades para melhorar ou mesmo, em alguns casos, para manter seu desempenho nas avaliações nacionais realizadas pela CAPES), nos quais a interlocução e a interação entre pesquisadores deixariam então de ser uma dura conquista de poucos para se tornar uma imposição do cotidiano de todos.

Uma última palavra, para concluir. Ser fiel à memória do passado (é com esse argumento que assim, em última instância, muitos justificam a defesa da estrutura...) não implica necessariamente perpetuá-lo, mas inventar, como nele se inventaram, novas formas de organização da produção e da difusão do saber... Em nosso caso, deveríamos hoje a meu ver caminhar no sentido de uma integração da estrutura...

É nesse sentido que posso entender a alusão da importância do esquecimento feita neste seminário pelo professor Eduardo Portella: sem, justamente, o esquecimento, como ser fiel à memória dos que inventaram tudo o que nos permite hoje estar aqui?